

Existe amor nos jornais: uma análise da seção 'Conte sua história de amor' do jornal O Globo¹

Luísa Boavista Fernandez

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio Departamento de Comunicação
Bacharelado em Jornalismo

Resumo

O presente trabalho busca analisar os treze primeiros textos, publicados entre março e agosto de 2024, da seção "Conte sua história de amor" de O Globo. O objetivo é entender os critérios de seleção das crônicas, gênero presente tanto na literatura quanto no jornalismo, e a concepção de amor nos textos. O artigo trabalha a partir de discussões sobre os conceitos de classificação de gêneros jornalísticos de Marques de Melo e do gênero crônica de Antonio Cândido em *A vida ao rés-do-chão*. O estudo do amor, como conteúdo dos textos, parte da necessidade da definição do sentimento em bell hooks. Concluímos que as histórias apresentam variadas representações de amor, além do romântico, e relacionam-se com a definição de hooks. Como são escritas pelos próprios leitores do jornal, geram um maior reconhecimento e identificação do público.

Palavras-chave: Jornalismo; Teorias do Jornalismo; Gênero Jornalístico; Crônica; Amor

Introdução

Em 2011, o jornal norte-americano The New York Times criou a coluna semanal "Modern Love". Editada por Daniel Jones, ela reúne textos enviados pelos próprios leitores com histórias pessoais de experiências amorosas. O sucesso foi tão grande que os relatos serviram de inspiração para a criação de um podcast e de uma série de mesmo nome, lançada pela plataforma de streaming Prime Video. Cinquenta textos também foram escolhidos pelo editor para a coletânea *Modern Love, o melhor da coluna Modern Love do The New York Times: histórias reais de amor, perda e retenção* (JONES, 2020). Além disso, a coluna influenciou outros meios de comunicação a acrescentarem textos mais subjetivos a fim de continuar atraindo a atenção dos consumidores em um mundo marcado pela ascensão do digital. No Brasil, a Folha de S. Paulo criou a coluna "Nosso

¹ Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Jornalismo, orientado pela professora Carmem Petit e entregue em dezembro de 2024.

Estranho Amor", analisada por Moraes (2023) em seu trabalho de conclusão de curso, e O Globo lançou "Conte sua história de amor".

A seção "Conte sua História de Amor", do jornal O Globo, foi lançada em março de 2024. Ela segue os moldes da "Modern Love" e também é composta por textos pessoais amorosos enviados pelos próprios leitores. A instrução no site do jornal é clara: "Não é preciso ser escritor. O mais importante é ter um conteúdo rico, verdadeiro e com emoção genuína."². A primeira menção à seção foi feita no dia 17 de janeiro de 2024 em uma reportagem que explicava as regras para a participação. Os relatos são publicados quinzenalmente tanto na versão impressa quanto digital do jornal. A versão impressa sai aos sábados, e a digital, às quintas-feiras. É necessário que os autores se identifiquem e informem uma forma de contato para os jornalistas, mas, caso seja da preferência do escritor, os textos podem ser publicados de forma anônima. Em outros casos, também podem ser enviadas fotos para ilustrar a história. O texto deve ter, no mínimo, dois mil caracteres e, no máximo, cinco mil, e precisa ser enviado para o emailhistoriadeamor@oglobo.com.br.

A primeira crônica foi publicada no dia 14 de março de 2024. Desde sua criação até o final de agosto de 2024, foram 13 depoimentos. Serão objeto de estudo deste trabalho as seguintes histórias: "Como o tarot previu, um homem de alma livre virou minha vida de ponta-cabeça" (14 de março); "Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez" (28 de março); "Um caso de amor (de uma paulistana) com o Rio de Janeiro" (11 de abril); "O 'playboy' desconhecido parou o trânsito do Rio para salvar minha menininha que estava em convulsão" (25 de abril); "Encontrei o amor da minha vida aos 70 anos" (9 de maio), "Me tornei mãe no instante em que o abracei: a história de amor (e luta) de uma mulher para adotar uma criança sozinha" (23 de maio); "Ela me disse não 42 vezes, mas um dia aceitou dançar comigo e nossas vidas mudaram completamente" (5 de junho); "Tem gente que torce por futebol, eu vibro com jornal', conta empresário que mudou de vida ao virar entregador mirim" (20 de junho); "Minha história de amor com o Ziraldo" (4 de julho); "Conheci minha mulher jogando Pokémon, uma história de amor moderna" (18 de julho); "Aos 5 anos, Elena vive seu primeiro (e fugaz) amor" (1º de agosto), "Me apaixonei por um homem com HIV: a história de amor de Rodrigo Malafaia pelo cantor Leandro

² Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/01/17/o-globo-lanca-secao-conte-sua-historia-de-amor-mande-seu-relato.ghtml> Acesso em 16 set. 2024.

Bueno" (15 de agosto) e "O cheiro da comida que encheu meu corpo com a memória da minha mãe e me matou de saudades" (29 de agosto).

Este trabalho busca entender a representação do amor construída a partir das primeiras publicações de "Conte sua história de amor". Apesar de a amostra ser pequena, devido à recente criação da seção, acreditamos ser possível compreender a concepção desse sentimento exposta nos relatos, além de descobrir a relação que o jornal busca construir com seu público ao inaugurar o novo espaço que traz histórias comuns contadas por pessoas reais.

Por ser recente, a seção "Conte sua história de amor" ainda não foi objeto de estudo da Academia, o que reforça o caráter original da pesquisa. Como mencionado anteriormente, o sucesso de "Modern Love" e sua capacidade de influenciar outros jornais explicita a relevância do tema, na medida em que os veículos tradicionais tentam, ao trazer novas formas de conteúdo, fidelizar um público que tende às inovações do meio digital. O Brasil é o segundo maior consumidor de mídias digitais, com tempo de uso médio de internet de 9 horas e 13 minutos por dia e perde apenas para a África do Sul, segundo o relatório *We Are Social 2024*³.

Esta pesquisa se desenvolve na análise dos 13 primeiros textos da coluna publicados entre março e agosto de 2024. Como procedimentos metodológicos, adotamos a revisão bibliográfica, para dar suporte à pesquisa proposta, já que, para estabelecer as bases e desenvolver a análise, é preciso conhecer o que já foi publicado, revisando a literatura existente sobre o assunto. (STUMPF, 2006)

Também houve a tentativa de realizar uma entrevista com o editor responsável pela seção escolhida do jornal O Globo, mas não obtivemos resposta. A entrevista em profundidade é uma "técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada" (DUARTE, 2006, p. 62). A entrevista seria semi-aberta com um roteiro de questões sobre o objeto do estudo. O objetivo da conversa era compreender

³ O dado faz parte da pesquisa *We are Social 2024*. Mais informações em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/> Acesso em: 16 set. 2024.

os aspectos internos do jornal em relação à criação e manutenção da coluna "Conte sua história de amor".

Como referencial teórico, buscamos as discussões sobre o conceito de gênero jornalístico em Marques de Melo (1985, 2004, 2009, 2010) e sobre o gênero crônica em Antonio Candido (1992) com a análise das características. Em relação ao tema do amor, os estudos de hooks compilados em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021) foram escolhidos como referencial teórico principal.

Para esta pesquisa, iniciamos tratando do conceito de gênero. Assim, as teorias sobre a transitoriedade da classificação dos gêneros textuais no jornalismo são discutidas e apresentadas segundo Marques de Melo (1985). Com as mudanças sociais e culturais, surge a necessidade do estabelecimento de novas categorias, cuja classificação é exposta por Melo (2009). Nesse contexto, a crônica é destacada pela similaridade com os relatos de "Conte sua história de amor". Este gênero, com os temas cotidianos e universais, é estudado também a partir de Antonio Candido (1992). Na sequência, olhamos para a questão dos vários tipos de amor em bell hooks (2021), além de sua busca por uma definição do sentimento, o que, para a autora, é de extrema importância para a compreensão do sentimento. A discussão se amplia ao pensarmos em como esses relatos são capazes de representar a concepção contemporânea de amor, o que contribuirá para os estudos sobre o discurso amoroso nos veículos de comunicação.

2. Os gêneros no jornalismo

Para Todorov (1980), nunca existiu uma literatura sem gêneros, e este é um sistema em eterna transformação. Ele defende que os gêneros funcionam como "horizontes de expectativa" para os leitores e como "modelos de escritura" para os autores. Isto também pode ser observado na atividade jornalística. Marques de Melo (1985) explica que as categorias mais novas são introduzidas na medida em que o capitalismo transforma o jornalismo em um negócio lucrativo que precisa atender aos interesses e demandas do público para se manter. Hoje, mais do que nunca, com o advento das mídias digitais, é necessário que o jornalismo se atualize e se reformule. "Os jornais precisam buscar novos formatos, já que não podem competir, em termos de quantidade de informação, sedução visual e capacidade de interação com as modernas Tecnologias da Informação e Comunicação" (NÓRA, 2011, p. 300).

Qualquer tentativa de classificação em gêneros é, portanto, provisória, uma vez que as mudanças sociais e culturais interferem diretamente na alteração da produção jornalística a fim de suprir os interesses e expectativas dos leitores/clientes. Em relação a isto, a "justificativa não está apenas na circunstância de que são fenômenos sociais - e, portanto, dinâmicos -, mas na essência mesma do jornalismo que se nutre do efêmero, do provisório, do circunstancial". (MELO, 1985, p. 7)

A divulgação de informações - a notícia - se configura como o pioneiro e mais conhecido gênero jornalístico. Entretanto, isto não significa que a prática jornalística se encerre neste aspecto. Diversos outros tipos textuais também compreendem o universo jornalístico. Historicamente, divide-se o jornalismo em informativo e opinativo, com as notícias e os editoriais, respectivamente. Atualmente, no entanto, com as mudanças dos processos jornalísticos, é possível estabelecer novas categorias, criadas devido a demandas dos consumidores, uma tendência dos países capitalistas. (MELO, 1985)

Dessa forma, a evolução dos gêneros inicia-se com os gêneros hegemônicos: o gênero informativo, que surgiu no século XVII e o gênero opinativo, que surgiu no século XVIII. Já no século XX, foram adicionados os gêneros interpretativo, diversional e utilitário, considerados complementares (MELO, 2010). A classificação de Marques de Melo, fundamentada em "observações empíricas do jornalismo brasileiro no quinquênio 2002-2007" (MELO, 2009, p. 35), distribui os gêneros da seguinte forma:

Gênero informativo: nota, notícia, reportagem, entrevista

Gênero opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica

Gênero interpretativo: análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê

Gênero diversional: história de interesse humano, história colorida

Gênero utilitário: indicador, cotação, roteiro, serviço.

Portanto, Marques de Melo classifica a crônica como um gênero opinativo. Os textos dessa categoria

se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas funções: autoria (quem emite opinião) e

“angulagem” (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (MELO, 1985, p. 48).

A crônica é um gênero tipicamente brasileiro e funciona como uma forma de relatar poeticamente a realidade por conta da aproximação da literatura com a informação. Assim, atua como “um espaço ao mesmo tempo de reflexão e deleite sobre os fatos cotidianos, habilmente captados por jornalistas capazes de expressá-los de forma amena e crítica” (MELO, 2004).

3. A crônica como gênero híbrido

Da mesma maneira com que a classificação dos gêneros não obedece a uma forma fixa eterna e invariável, a crônica, como um gênero híbrido, apresenta características próprias do fazer jornalístico e também do fazer literário. Apesar de, ao longo da história, ter sido escrita por grandes nomes da literatura, ela não é uma forma textual de muito prestígio nesse campo, segundo Cândido (1992):

A crônica não é um gênero maior. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. (CANDIDO, 1992, p. 13)

Em sua origem etimológica, a palavra “crônica” é associada à palavra grega *khrónos*, que significa tempo. Assim, os textos tratam de assuntos aparentemente triviais do cotidiano e carregam a característica de serem efêmeros, na medida em que não têm a pretensão de durar.

O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Nesse contexto, a crônica assume essa transitóridade, dirigindo-se a leitores apressados, que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite. (SÁ, 1985, p. 10)

A característica transitória da crônica é ainda maior no ambiente digital, no qual tudo envelhece em poucos minutos ou até mesmo em segundos, pela facilidade das atualizações. Porém, não raras vezes, as crônicas são publicadas em coletâneas de livros, o que mostra que podem durar mais do que o previsto. Com uma linguagem simples e

despretensiosa, como em uma conversa oral informal, os cronistas tratam de temas cotidianos e são capazes de ressaltar a beleza intrínseca a eles: "pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas". (CANDIDO, 1992, p. 14)

Ao serem publicadas em livros, as crônicas ganham uma maior durabilidade e ainda permitem uma maior liberdade criativa para a escrita do autor, já que não há a necessidade de que os temas se relacionem com os fatos ocorridos naquele exato intervalo de tempo nem que estejam expostos no jornal. (RIBEIRO, 2018)

É difícil, portanto, enquadrar a crônica em um determinado campo de estudo pela fusão de seus elementos. A aproximação do jornalismo com a literatura data do final do século XIX com a expansão dos jornais no Brasil e a participação de literatos na escrita de folhetins e das crônicas. Esse gênero constitui-se na intersecção, como fica explícito na crônica "Literatura de Jornal (O que é a Crônica)", de Artur da Távola (2001) publicada no jornal *O Dia*, em 27 de junho de 2001:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura (TÁVOLA, 2001).⁴

Assim, a crônica revela-se como um gênero híbrido entre os campos da literatura e do jornalismo, já que adota temas cotidianos e uma forma narrativa acessível, o que é típico do jornalismo, ao mesmo tempo que incorpora qualidades como o lirismo e a subjetividade característicos da literatura. Esta hibridização do jornalismo com a literatura é percebida nos relatos das colunas de amor, tanto de "Conte sua história de amor" quanto em "Modern Love". Segundo Musse e Gonçalves (2019), "Modern Love" pode ser enquadrada como jornalismo literário, conforme utiliza "estratégias narrativas comuns da literatura, como o uso de aspas, narrador em primeira pessoa, adjetivações, figuras de linguagem, frases de efeito e opiniões". (2019, p. 188)

⁴ A crônica "Literatura de Jornal (O que é a Crônica)", de Artur da Távola (2001), foi publicada no jornal *O Dia* em 27 de junho de 2001 e republicada em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ntc_l.php?t=044. Acesso em 5 nov. 2024.

4. O amor nas crônicas

Ao abordar temas cotidianos, as crônicas buscam uma identificação com o público. Por isso, Antonio Cândido mostrou que os cronistas não são aqueles que escrevem do alto da montanha, mas do rés-do-chão (CANDIDO, 1992). O objetivo é apresentar, em um tom familiar, histórias comuns com experiências universais a fim de aproximar o leitor. É de se esperar, então, que o amor seja um tema muito recorrente nas crônicas.

As mais diversas representações de amor estão expostas nas crônicas e variam de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridas e também com a própria visão do autor. O fato de esse sentimento ser tema frequente não significa que os esforços sejam na tentativa de buscar uma definição para ele. Alguns teóricos do assunto já chegaram à conclusão de que o amor não pode ser delimitado em um único conceito: "tentar defini-lo seria diminuir sua potência e seu brilho" (TUCHERMAN, 2019, p. 11). "O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos". (PRIORE, 2015, p. 13)

bell hooks (2021) analisa o tema no ensaio *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* e discorda desse pensamento. Ela acredita ser necessário o estabelecimento de uma definição de amor para melhorar a compreensão do que se fala quando tratamos sobre este sentimento.

Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho, criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor - partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor. (hooks, 2021, p. 55)

Para ela, o melhor conceito é o do psiquiatra M. Scott Peck: "vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa". Ele continua: "O amor é o que o amor faz. Amar é um ato de vontade — isto é, tanto uma intenção como uma ação. A vontade também implica escolha. Amar é um ato da vontade". (PECK, 1978 apud hooks, 2021, p. 47). Assim, hooks defende que o amor não pode ser visto apenas como um sentimento, mas como uma ação que exige

responsabilidade e comprometimento. Somente ao compreender o amor, os indivíduos são capazes de construir uma sociedade amorosa de fato.

hooks (2021) se debruça sobre o sentimento e defende que há amor além do amor romântico, como o da família, da amizade (amor comunitário), da espiritualidade (amor redentor) e a autoestima (amor próprio). Ela critica a idealização excessiva das relações de casais e também entre familiares. Muitas vezes, os relacionamentos são repletos de violência e distorcem a ideia de amor verdadeiro, que deve ter respeito, comunicação e vontade de cuidar do outro.

A pensadora acrescenta que ler sobre o amor é um desejo de todos pela experiência universal que o engloba, apesar de o senso comum entender o excesso sentimental como fraqueza e utopia. Ao mesmo tempo que se tem vergonha de falar de amor, há o desejo de saber mais e a esperança de que o amor prevalecerá.

Todo mundo quer saber mais sobre o amor. Queremos saber o que significa amar, o que podemos fazer em nosso dia a dia para amarmos e sermos amados. Queremos saber como seduzir aqueles que continuam fiéis à falta de amor e abrir as portas de seu coração para que deixem o amor entrar. A força de nosso desejo não muda o poder de nossa incerteza cultural. (hooks, 2021, p. 41)

A preocupação em não se demonstrar frágil explica o porquê de muitos homens não falarem sobre as questões sentimentais, especialmente em relação às próprias. Para seguir a masculinidade patriarcal, são convidados a mascararem os próprios sentimentos a fim de serem aceitos pelos demais. Eles não devem chorar nem se abalar. Devem ser duros. "Na pior das hipóteses, aprendem a nunca sentir nada" (hooks, 2021, p. 80).

5. Análise da seção "Conte sua história de amor" de O Globo

Os 13 primeiros textos na seção "Conte sua história de amor" do jornal O Globo serão aqui analisados a fim de que se possa compreender as representações de amor que o veículo de comunicação deixa emergir a partir da escolha dos relatos publicados. Com leitura fácil e dinâmica, é possível entender muito da sociedade atual por meio dessas crônicas. "Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do

que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia" (CANDIDO 1992, p. 19). Além disso, a própria decisão editorial de *O Globo* ao selecionar e publicar determinados textos torna públicas visões sobre o amor que, muitas vezes, são marginalizadas e esquecidas. Para o linguista britânico Norman Fairclough (2016, p. 153), "a mídia tem um importante papel hegemônico não só em reproduzir, mas também em reestruturar a relação entre os domínios público e privado".

As histórias publicadas entre março e agosto de 2024 e que serão aqui analisadas são: "Como o tarot previu, um homem de alma livre virou minha vida de ponta-cabeça" (as cartas de tarot indicaram que a mulher se apaixonaria por um homem moreno e a paixão aconteceu); "Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez" (dois homens vivem uma história de amor que termina por escolha de apenas um deles); "Um caso de amor (de uma paulistana) com o Rio de Janeiro" (uma turista paulistana exalta a Cidade Maravilhosa); "O 'playboy' desconhecido parou o trânsito do Rio para salvar minha menininha que estava em convulsão" (um homem ajudou uma família desconhecida em um momento de desespero); "Encontrei o amor da minha vida aos 70 anos" (encontro do amor na terceira idade e suas nuances), ""Me tornei mãe no instante em que o abracei": a história de amor (e luta) de uma mulher para adotar uma criança sozinha" (relato sobre adoção e amor materno); "Ela me disse não 42 vezes, mas um dia aceitou dançar comigo e nossas vidas mudaram completamente" (a insistência por parte do homem resultou no namoro e na família que tem hoje); "Tem gente que torce por futebol, eu vibro com jornal', conta empresário que mudou de vida ao virar entregador mirim" (história de superação de um homem que se dedica ao trabalho de entregador do jornal *O Globo* por várias graças de sua vida); "Minha história de amor com o Ziraldo" (os encontros de um fã com o ídolo escritor); "Conheci minha mulher jogando Pokémon', uma história de amor moderna" (depóimento sobre encontro inesperado de um homem e uma mulher); "Aos 5 anos, Elena vive seu primeiro (e fugaz) amor" (texto escrito pela mãe da menina que conta a vivência da amizade/amor na infância), "Me apaixonei por um homem com HIV": a história de amor de Rodrigo Malafaia pelo cantor Leandro Bueno" (dois homens se apaixonam e lutam juntos pela representatividade e contra o preconceito) e "O cheiro da comida que encheu meu corpo com a memória da minha mãe e me matou de saudades" (lembicanças do filho sobre a mãe que morreu).

Os textos aproximam-se do gênero crônica por tratarem de acontecimentos cotidianos com uma linguagem natural e de fácil compreensão. Também abordam temas de experiências universais, que geram uma maior identificação com o leitor: “escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família que aproxima os autores acima da sua singularidade e diferenças.” (CANDIDO, 1992, p. 22)

Apesar da pequena quantidade da amostra, já é possível perceber a preocupação dos editores em demonstrar a variedade das formas do sentimento (hooks, 2021). Há o amor romântico, tanto entre homens e mulheres quanto entre dois homens. Das 13 narrativas, duas são sobre casais homoafetivos. Em entrevista para o UOL, Daniel Jones, editor da coluna “Modern Love” revela a importância da representatividade nos textos: “A maneira de superar esses medos é contando histórias pessoais. Quando você ouve a história de uma pessoa e sua luta, descobre que ela ama assim como você, mas em um tipo diferente de relacionamento”.⁵

A representação do amor materno também aparece em mais de um texto, seja pela visão da mãe, seja pela do filho. Amor por um ídolo, amor por uma cidade, amor por um amiguinho de escola, amor por um desconhecido e até mesmo amor pelo trabalho foram temas dos escritos, o que mostra a pluralidade do sentimento e um afastamento da ideia da expressão romântica do amor como única forma.

Além disso, mesmo as histórias que tratam da paixão e do romance não são totalmente idealizadas. Há a presença de detalhes que tornam o texto mais verossímil e condizente com a realidade dos leitores. Os autores não hesitam em expor suas fragilidades e as de suas relações, assim como as dores e perdas durante o processo: “Vivemos uma história ótima, boa no começo e depois sofrida”.⁶ Caberia, portanto, o uso do subtítulo do livro da coletânea de textos de “Modern Love”, coluna do The New York Times, para “Conte sua história de amor”: Histórias de amor, perda e redenção. Também hooks afirma que “o amor não conhece a vergonha. Ser amoroso é estar aberto ao luto, a ser tocado pela dor, mesmo quando é uma dor interminável.” (hooks, 2021, p. 230)

⁵ Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/solteiro-casado-ou-outra-coisa/entrevista-exclusiva-com-daniel-jones-do-modern-love/> Acesso em: 4 nov. 2024.

⁶Trecho da crônica “Como o tarot previu, um homem de alma livre virou minha vida de ponta-cabeça”. Publicada em: 14 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/especial/como-o-tarot-previu-um-homem-de-alma-livre-virou-minha-vida-de-ponta-cabeca.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.

Assim, nem todos os depoimentos trazem um desfecho digno de conto de fadas. Há muitos finais felizes e esperançosos, com mensagens de incentivo a todos, como em "Me apaixonei por um homem com HIV":

Somos um casal monogâmico sorodiferente, onde não há risco algum para mim já que a carga viral no meu marido é quase zero, ou seja, intransmissível. E é uma das coisas que a gente vai levar onde estivermos. Amor e informação. Porque o preconceito mata e o amor e a informação salva.⁷

Outro final emocionante é o de "Me tornei mãe no instante em que o abracei".

Renato é educado, inteligente, espiritualizado, ama filosofia, música, futebol e é muito querido por todos que o conhecem. É a razão da minha vida, meu amor eterno, daquelas que parecem vindos de outras vidas, não só pela semelhança física, que é incrível, mas também por atitudes. Todos os dias agradeço a Deus por esse filho tão amado, e peço que o abençoe abundantemente, assim como me abençou no meu desejo de ser mãe.⁸

Entretanto, também há, como em toda história da vida real, muitos desfechos tristes e trágicos, o que retoma a ideia de que nem tudo deve ser idealizado. Afinal, são relatos verdadeiros e a experiência humana inevitavelmente passa pela dor. Em "Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez", o fim do relacionamento e a posterior morte do amado Nico foram motivo de muito sofrimento para o autor. Eles não puderam viver juntos e felizes para sempre. "Às vezes, sinto a presença deles e lembro do sorriso de Nico levantando Simba para o alto. Voltei há poucos dias do cartório, pois tinha agendado o casamento, e não tinha cancelado desde que terminamos".⁹

Um tema muito presente nos depoimentos é a morte, apesar de a perda de alguém especial ser fato principal apenas de uma crônica: "O cheiro da comida que encheu meu

⁷ Trecho da crônica "Me apaixonei por um homem com HIV": a história de amor de Rodrigo Malafaia pelo cantor Leandro Bueno". Publicada em: 15 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/me-apaxonei-por-um-homem-com-hiv-a-historia-de-amor-de-rodrigo-malafaia-pelo-cantor-leandro-bueno.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁸ Trecho da crônica "Me tornei mãe no instante em que o abracei": a história de amor (e luta) de uma mulher para adotar uma criança sozinha". Publicada em 23 mai. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/me-tornei-mae-no-instante-em-que-o-abracei-a-historia-de-amor-e-luta-de-uma-mulher-para-adotar-uma-crianca-sozinha.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁹Trecho da crônica "Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/especial/voltei-a-br-304-a-estrada-do-acidente-que-matou-meu-amor-para-tentar-sentir-sua-energia-mais-uma-vez.ghtml>. Publicado em 28 mar. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

corpo com a memória da minha mãe e me matou de saudades", que trata das lembranças afetivas do filho pela mãe. Os outros relatos citam frequentemente a morte como parte da história, do desenrolar da narrativa. Em "Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez", a morte do amante é sentida mesmo depois do término do casal. Já em "Me tornei mãe no instante em que o abracei", a autora conta que a doença e morte de sua mãe adiaram seus planos de adoção por um tempo. Para hooks (2021), o amor é a única cura para o medo cultural que os indivíduos têm da morte. Ao aceitar a transitoriedade da vida e o inesperado, a ansiedade acerca do tema diminui. A autora conta que sempre tenta agir com o próximo (amor como ação) como se fosse a última vez que o encontraria.

Somos muito mais capazes de abraçar a perda de pessoas íntimas que amamos ou de amigos quando sabemos que demos a eles tudo o que podíamos - quando compartilhamos com eles o reconhecimento mútuo e o pertencimento no amor que a morte jamais poderá mudar ou tirar de nós. A cada dia, sou grata por ter conhecido um amor que me permite aceitar a morte sem qualquer medo de incompletude ou falta, sem qualquer sensação de arrependimento irreversível. (hooks, 2021, p. 226)

Em entrevista ao UOL, Daniel Jones contou que a perda de um ente querido é o tema que mais atrai a atenção do público em "Modern Love" do The New York Times. Além disso, o maior número de histórias recebidas permeia este assunto de alguma forma.¹⁰

Todos os textos da coluna de O Globo são escritos em primeira pessoa do singular, com exceção de "Aos 5 anos, Elena vive seu primeiro (e fugaz) amor", que é escrita pela mãe da menina em terceira pessoa. O uso do narrador-personagem torna o autor testemunha ativa dos fatos descritos e, assim, fica ainda mais evidente que as histórias são reais, escritas por quem realmente as viveu e deseja compartilhá-las. Esta característica também faz com que os textos destoem do gênero jornalístico principal, a reportagem, no qual há a impessoalidade e a objetividade por parte do jornalista que escreve.

Quanto à forma, os fatos nos depoimentos são todos escritos em ordem cronológica, em uma sequência linear da própria ordem dos acontecimentos. Não há saltos na narrativa. Mas, com a variedade de autores, nota-se a mudança no estilo de cada um. De toda forma, os textos trazem consigo muitos elementos literários em diferentes medidas,

¹⁰ Disponível em: <https://gamarrevista.uol.com.br/semana/solteiro-casado-ou-outra-coisa/entrevista-exclusiva-com-daniel-jones-do-modern-love/> Acesso em: 4 nov. 2024.

como a descrição minuciosa e repleta de adjetivos, o que traz vivacidade e instiga a imaginação do leitor.

"Era uma época em que os motoristas não usavam cinto de segurança e dirigiam com uma mão no volante e a outra numa lata de cerveja. Os carros, embolados, desordenados, estavam cheios de gente arrumada, ar condicionado no máximo, faróis altos, sons a pleno".¹¹

"Ansiosa e curiosa, abri as fotos antes mesmo de ler a mensagem. Era um menino lindo, que tinha um olhar triste, o que me pegou de imediato. Estava sentadinho num degrau de uma pequena escada, era moreninho como eu, todo arrumadinho, cabelo recém-cortado todo espetadinho, estava com perninhos cruzados onde percebi em seus joelinhos marquinhas de feridas".¹²

"A janela semiaberta. Com o repouso embalado por uma delicada brisa, acordo e, com os olhos fechados, me delicio com a fresquidão do amanhecer. O ambiente, muito agradável. Lençol e fronhas haviam sido trocados na véspera. Deleito-me com o contato: pele limpa e seca, roupa de cama nova e sedosa. Essas coisas me proporcionam bem-estar e, querendo continuar desfrutando, não abri os olhos".¹³

O uso de figuras de linguagem também é frequente: "Seus pneus cantaram"¹⁴; "Eu jogava como um carro com o freio de mão solto"¹⁵; "Trabalhar com jornal era uma Disneylândia"¹⁶. Esses elementos - descrições completas, uso de adjetivos e figuras de

¹¹Trecho da crônica "O 'playboy' desconhecido parou o trânsito do Rio para salvar minha menininha que estava em convulsão". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/o-playboy-desconhecido-parou-o-transito-do-rio-para-salvar-minha-menininha-que-estava-em-convulsao.ghtml>. Publicado em 25 abr. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

¹²Trecho da crônica "Me tornei mãe no instante em que o abracei: a história de amor (e luta) de uma mulher para adotar uma criança sozinha". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/me-tornei-mae-no-instante-em-que-o-abracei-a-historia-de-amor-e-luta-de-uma-mulher-para-adotar-uma-crianca-sozinha.ghtml>. Publicado em 23 mai. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

¹³Trecho da crônica "O cheiro da comida que encheu meu corpo com a memória da minha mãe e me matou de saudades". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/o-cheiro-da-comida-que-encheu-meu-corpo-com-a-memoria-da-minha-mae-e-me-matou-de-saudades.ghtml>. Publicado em 29 ago. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

¹⁴Trecho da crônica "O 'playboy' desconhecido parou o trânsito do Rio para salvar minha menininha que estava em convulsão". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/o-playboy-desconhecido-parou-o-transito-do-rio-para-salvar-minha-menininha-que-estava-em-convulsao.ghtml>. Publicado em 25 abr. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

¹⁵Trecho da crônica "Tem gente que torce por futebol, eu vibro com jornal, conta empresário que mudou de vida ao virar entregador mirim." Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/especial/tem-gente-que-torce-por-futebol-eu-vibro-com-jornal-conta-empresario-que-mudou-de-vida-ao-virar-entregador-mirim.ghtml>. Publicado em 20 jun. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

¹⁶Trecho da crônica "Minha história de amor com o Ziraldo". Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/noticia/2024/07/04/apaixonado-por-cartuns-rapaz-consegue-se-aproximar-do-idolo-da-sua-vida-ziraldo-em-historia-de-admiracao-e-amizade.ghtml>. Publicado em 4 jul. 2024. Acesso em 10 out. 2024.

linguagem - conferem uma aproximação dos textos com a literatura, pois são capazes de “penetrar poesia adentro” (CANDIDO, 1992, p. 15).

São poucas as crônicas que apresentam marcos temporais definidos, ou seja, que mencionam as datas exatas em que os fatos narrados aconteceram. Dessa forma, têm a validade aumentada ao longo do tempo e, mesmo que o jornal seja descartado, podem ser reunidas em um livro - como no caso de “Modern Love” - e continuarão sendo relevantes e atuais. “A crônica fica entre a morte simbólica do jornal no fim do dia, com as informações velhas, e a permanência como texto literário, proporcionada com a publicação em livro.” (RAMOS 2012, p. 1).

Dos 13 relatos, seis foram escritos por mulheres e sete, por homens. Esta escolha editorial cuidadosa reitera que falar de amor não deve ser tratado como algo exclusivamente feminino, como costuma ser na sociedade patriarcal machista (hooks, 2021). O amor diz respeito a todos e, por isto, pode e deve ser abordado pelas mais diversas pessoas sem medos de julgamentos.

A menção à pandemia de Covid-19 em 2020 ocorre em muitos dos relatos, o que indica uma geração marcada por este evento traumático. Isto demonstra também a relevância do contexto em que os personagens estão inseridos para os seus modos de viver o amor. Em “Voltei à BR 304, a estrada do acidente que matou meu amor, para tentar sentir sua energia mais uma vez”, o autor conta que ingressou em um aplicativo de namoro para tentar retomar a socialização depois do isolamento. Também em “‘Conheci minha mulher jogando Pokémon’, uma história de amor moderna”, o primeiro encontro do casal apaixonado foi no carro da mulher por medo da possibilidade de infecção do vírus em um local público. O autor de “Me apaixonei por um homem com HIV: a história de amor de Rodrigo Malafaia pelo cantor Leandro Bueno” definiu a experiência da pandemia como mais leve por vivê-la com o grande amor de sua vida.

“Conte sua história de amor” foi inspirada em “Modern Love”, coluna do New York Times. Observamos que ela segue fielmente a publicação estadunidense, com textos enviados pelos próprios leitores e apenas editados pelos profissionais do jornal. Já na coluna “Nosso Estranho Amor”, da Folha de S. Paulo, apesar de o conteúdo sobre o amor

permanecer, o modelo é outro. No jornal paulista, os textos são escritos pela equipe liderada pela roteirista Tati Bernardi, composta pelos jornalistas Chico Felitti e Milly Lacombe e pelo escritor argentino Pedro Mairal. (MORAES, 2023)

Considerações finais

O objetivo central desta pesquisa foi analisar a escolha dos textos publicados na seção “Conte sua história de amor”, do jornal O Globo, além de compreender a representação de amor presente nestes textos. Para isto, buscamos entender os conceitos de classificação de gêneros jornalísticos de Marques de Melo (MELO, 1985, 2004, 2009, 2010) e também do gênero crônica de Antonio Cândido em *A vida ao rés-do-chão* (CANDIDO, 1992). Para estudar o amor, que é o tema comum dos textos, partimos da necessidade da definição do sentimento em bell hooks. (hooks, 2021).

A análise dos textos da seção “Conte sua história de amor” permitiu a descoberta das representações de amor escolhidas pela linha editorial e, consequentemente, publicadas no veículo de comunicação. São expostos vários tipos de amor, além do amor romântico, o que amplia o público-alvo. Há o amor romântico em casais hetero e homossexuais (apenas relações entre homens), o amor materno, o amor de fã, o amor por uma cidade, o amor da amizade infantil, o amor no sentido de compaixão com um desconhecido e o amor pelo trabalho. Porém, ainda há espaço para mais temas - mais formas de amor - como, por exemplo, relações homossexuais entre mulheres e relações entre avós e netos. O amor próprio também é um tema atual que poderia ser representado.

De toda forma, o fato de os textos serem escritos por pessoas comuns aproxima ainda mais os leitores. Editor da coluna “Modern Love”, do The New York Times, Daniel Jones, acredita que o sucesso desse tipo de iniciativa - como a seção de O Globo - é, em grande parte, devido aos tópicos abordados. Jones acredita que são questões universais contemporâneas, que geram empatia e reconhecimento de si mesmo por parte do público. Assim, há uma sensibilização e consequente maior engajamento dos leitores, o que é benéfico ao veículo.

O que tem trazido vitalidade à coluna desde então é esse tipo de história poderosa, nua e crua que você não costuma ler no jornal ou em qualquer outro lugar. Se bem contada, faz as pessoas pensarem em suas próprias experiências de perda ou alegria. Também há algumas leves e engraçadas,

mas o verdadeiro cerne, também no caso do podcast e da série, é o impacto emocional.¹⁷

Apesar de o gênero informativo ser o principal e mais frequente, há espaço nos jornais para esses outros tipos de texto. Para Marques de Melo (1985), a classificação em gêneros é transitória, pelo fato de que novas categorias surgem segundo as demandas de público. Além disso, os entrecruzamentos dificultam a classificação, como é o caso da crônica que, ao se configurar como um gênero híbrido, comprehende elementos jornalísticos e literários, conectando informações e interpretações. Outro fato que gera curiosidade na presença desses textos nos jornais é a temática, pois, enquanto os textos jornalísticos são mais objetivos e factuais, as crônicas de amor trazem a subjetividade.

A importância de tratar desse sentimento é defendida por bell hooks, já que é necessário entender sobre o amor para que uma comunidade amorosa possa ser construída. Todas as histórias relacionam-se entre si, porque ilustram a definição do amor de M. Scott Peck, defendida por hooks: "vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa". Há um comportamento e um cuidado em prol do outro, o que comprehende a base da relação amorosa.

Entendemos que esta análise não se esgota aqui, entretanto, esperamos ter contribuído tanto para os estudos de jornalismo quanto de literatura ao eleger como objeto de pesquisa textos que se caracterizam como um gênero híbrido e tão cheio de entrelaçamentos entre dois campos de estudos.

Bibliografia

- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 13 – 22.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2^a. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 61-83.

¹⁷ Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/solteiro-casado-ou-outra-coisa/entrevista-exclusiva-com-daniel-jones-do-modern-love/> Acesso em: 4 nov. 2024.

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021.
- JONES, Daniel. *Modernlove: histórias reais de amor, perda e redenção*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 297 p. Tradução Ana Rodrigues.
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MELO, José Marques de. Prefácio. In: PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador, BA: Calandra, 2004. p. 7-10.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MELO, José Marques de. Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, Caxias do Sul, 2010. Anais eletrônico. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2215-1.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.
- MORAES, Rafael Vasconcelos Freitas Abreu de. Discursos amorosos no jornal: uma análise da coluna Nosso Estranho Amor da Folha de S. Paulo. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/22303/1/RMoraes.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.
- MUSSE, Christina Ferraz; GONÇALVES, Isabella de Sousa. Modern Love: um caso de hibridização do jornalismo com a literatura. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 28, n. 21, p. 173-192, jun. 2019. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6948>. Acesso em: 18 set. 2024.
- NÓRA, Gabriela. Jornalismo impresso na era digital: uma crítica à segmentação do público e à fragmentação do noticiário. *Rumores*, São Paulo, v. 10, n.5, p. 297-314, jul-dez. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/51265/55335/63789>. Acesso em: 16 set. 2024.
- PRIORE, Mary del. *História de amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.
- RAMOS, Gabriela. A crônica como interseção entre jornalismo e literatura. In: Intercom - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2012, Ouro Preto. Anais

do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2012. p. 1901. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/r33-1901-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

RIBEIRO, Adriely Cristina. *Amar pelos jornais: as representações do amor nas crônicas de Martha Medeiros*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português e Espanhol - Licenciatura) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2322>. Acesso em: 30 set. 2024.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TÁVOLA, Artur. Literatura de jornal (O que é a Crônica). Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 27 jul. 2001.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TUCHERMAN, Ieda. *Arqueologia do discurso amoroso*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.